



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA  
CAMPUS DE ARIQUEMES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ALZIRA MARA DA SILVA FIGUEIREDO

ANÁLISE DA INTERAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE PAIS OUVINTES E  
FILHOS SURDOS NO MUNICÍPIO DE ARIQUEMES/RO

ARIQUEMES-RO

2015

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA  
CAMPUS DE ARIQUEMES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ALZIRA MARA DA SILVA FIGUEIREDO

ANÁLISE DA INTERAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE PAIS OUVINTES E  
FILHOS SURDOS NO MUNICÍPIO DE ARIQUEMES/RO

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia – Habilitação em Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Gestão Escolar, da Universidade Federal de Rondônia, no segundo semestre de 2015, como requisito parcial para obtenção do título em licenciatura plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Esp. Maria Norma Lopes Souza Silva

ARIQUEMES-RO

2015

**Dados de publicação internacional na publicação (CIP)**  
**Biblioteca do Campus de Ariquemes/UNIR**

F475a

Figueiredo, Alzira Mara da Silva

Uma análise da interação linguísticas entre pais ouvintes e filhos surdos no Município de Ariquemes-RO. / Alzira Mara da Silva Figueiredo. Ariquemes-RO, 2015.

50 f. : il.

Orientador (a): Prof.(a) Esp. Maria Norma Lopes de Souza e Silva

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento Pedagogia, Ariquemes, 2015.

1. Comunicação familiar. 2. LIBRAS. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

**CDU: 376**

Bibliotecária Responsável: Fabiany M. de Andrade, CRB: 11-686.





**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA**  
**CAMPUS DE ARIQUEMES**

Criado pela Resolução 006/CONSUN, de 16 de maio de 2007

Av. Tancredo Neves, 3450 - Centro/ Ariquemes-RO / Cep: 76.872-848

Fone/Fax: (69) 3535-3563/ E-mail: [campusariquemes@unir.br](mailto:campusariquemes@unir.br)

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED**

---

**ALZIRA MARA DA SILVA FIGUEIREDO**

**UMA ANÁLISE DA INTERAÇÃO LINGUÍSTICAS ENTRE PAIS OUVINTES E  
FILHOS SURDOS NO MUNICÍPIO DE ARIQUEMES/RO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Banca Examinadora**

Prof.<sup>a</sup> Esp. Maria Norma Lopes de Souza e Silva – DINTEC/UNIR

Membro: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ilka de Oliveira Mota – DINTEC/UNIR

Membro: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ludimilla Ronqui – DINTEC/UNIR

Ariquemes-RO, 17 de Novembro de 2015.



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, nosso pai e criador, que ilumina todos os meus caminhos para que eu atinja o meu ideal, que me protege em todos os momentos da minha vida e me dá forças para superar os momentos de aflição e angústia.

Ao meu esposo, José Carlos, por seu amor, apoio e paciência. Aos meus filhos Guilherme e Alexandre por entenderem as minhas faltas durante esta caminhada.

Aos colegas com quem convivi durante estes anos, em especial a Elizabete, Fernanda e Viviane companheiras de trabalhos.

Às mães das crianças surdas que colaboraram na execução da pesquisa, tornando possível a efetivação deste trabalho.

Agradeço em especial a minha orientadora, Professora Esp. Maria Norma Lopes Souza Silva, pela paciência, dedicação e incentivo em todos os momentos deste percurso.

## RESUMO

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa realizada com famílias com pais ouvintes que possuem um ou mais filhos surdos na cidade de Ariquemes/RO, com o objetivo de identificar como se constroem e se processam as relações familiares entre pais ouvintes e filhos surdos, investigar de que forma acontece a comunicação entre eles, bem como verificar a importância da comunicação Linguística em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. O levantamento de dados foi feito através de uma entrevista com seis mães ouvintes que possuem um ou mais filhos surdos. O instrumento utilizado para essa pesquisa foi um questionário contendo 14 questões, onde através das respostas foi realizada a análise dos dados. Observou-se que há uma grande dificuldade na comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos, isso ocorre porque ambos se comunicam em línguas diferentes, dificultando assim a autenticidade e sustentabilidade do diálogo no contexto familiar. Ao final da presente pesquisa concluiu-se que pais ouvintes podem colaborar no desenvolvimento de seus filhos surdos através da aquisição da Língua de Sinais, pois ela é fundamental para o diálogo entre os membros da família e a integração dos mesmos na sociedade.

**Palavras-chave:** Comunicação. Família. LIBRAS.

## **ABSTRACT**

This essay refers to a survey of families with parents who have one or more deaf children in their families living in Ariquemes / RO, in order to identify how we shape and process the family relationships between hearing parents and deaf children, investigate how the communication happens between them and verify the importance of Linguistics communication in Brazilian Sign Language - LIBRAS. Data collection was done by interviewing six mothers who have one or more deaf children. A questionnaire was used for this research with 14 questions where answers through the analysis of data was performed. It was observed that there is great difficulty in communication between parents and deaf children, this is because they communicate in different languages, therefore hindering the authenticity and sustainability of the dialogue within the family. At the end of this study it was concluded that parents can collaborate in the development of their deaf children through the acquisition of Sign Language because it is essential for dialogue between family members and their integration in society.

**Keywords:** Communication. Family. LIBRAS.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>ENTIDADE FAMILIAR.....</b>	<b>9</b>
2.1	Um breve relato histórico da estrutura familiar.....	10
2.2	Família medieval .....	11
2.3	A família contemporânea.....	12
<b>3</b>	<b>CONTEXTO FAMILIAR DOS SURDOS.....</b>	<b>14</b>
3.1	Pais ouvintes mediante o diagnóstico e reconhecimento da surdez.....	14
3.2	A comunicação e a organização dos papéis.....	17
3.3	A importância da comunicação adequada entre pais ouvintes e filhos surdos.....	20
<b>4</b>	<b>LIBRAS: UMA PONTE PARA COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS OUVINTES E FILHOS SURDOS.....</b>	<b>24</b>
4.1	Configuração das mãos.....	25
4.2	Locação.....	26
4.3	Movimento .....	28
4.4	Orientação .....	29
4.5	Expressão não-manual .....	30
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>32</b>
5.1	Local da Pesquisa .....	32
5.2	Participantes .....	32
5.3	Instrumentos utilizados .....	32
5.4	Procedimentos .....	32
<b>6</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>33</b>
6.1	Analisando a estrutura familiar.....	33
6.2	Reação frente ao diagnóstico .....	34
6.3	A comunicação e a organização dos papéis.....	37
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</u>	<u>44</u>
	<u>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....</u>	<u>48</u>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva identificar como se constroem e se processam as relações familiares de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos. Como estes pais vêm seus filhos e como colaboram para o seu desenvolvimento. Traça objetivos específicos como: investigar de que forma acontece essa comunicação, bem como verificar a importância da comunicação Linguística em Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS entre pais ouvintes e filhos surdos.

O interesse pelo assunto surgiu por meio do estudo da disciplina de LIBRAS durante o curso de Pedagogia e a partir de conversas com a professora que ministrava a aula. O tema deste trabalho surge então a partir de algumas indagações: quais as maiores dificuldades da família do surdo para a efetivação do diálogo entre ambos, já que falam línguas diferentes? Como a família ouvinte contribui para melhorar a comunicação com este filho surdo?

No desenvolvimento da pesquisa, utilizamos como fundamentação teórica vários autores renomados inclusive autores surdos que falam com propriedade sobre o tema. Para investigar a realidade, foi elaborado um questionário para a realização de entrevistas com pais ouvintes de filhos surdos. O exame das informações coletadas e a análise da realidade observada possibilitou a elaboração deste trabalho, que ampliou nossos conhecimentos, possibilitou uma melhor reflexão sobre o relacionamento e comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos.

A pesquisa foi realizada com uma parte teórica e outra empírica. O referencial teórico está embasado em autores como: Laborit (1994), Brito (1995), Vilhalva (2001), Quadros e Karnopp (2004), Goldfeld (2010), Strobel (2013), entre outros. Para a coleta de dados empíricos, foram realizadas entrevistas com mães ouvintes que têm um ou mais filhos surdos, residentes no município de Ariquemes-RO.

A organização do trabalho se deu em sete partes. A primeira parte trata da Introdução. A segunda aborda o conceito de família, constituindo-se uma breve linha histórica para compreender a evolução e as mudanças ocorridas nesta instituição para poder conhecer como se constitui a família contemporânea. Na terceira é apresentado o contexto familiar do surdo, caracterizando o processo da chegada e a aceitação do filho surdo, refletindo como a família ouvinte pode relacionar-se com este filho. Na quarta parte é apresentada a estrutura gramatical e a importância da LIBRAS como ponte para a comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos. Na quinta é apresentada

a metodologia utilizada, ressaltando os principais aspectos que nortearam o contexto da pesquisa. Na sexta parte foi realizada a análise dos dados pesquisados, que se subdividem em três tópicos: analisando a estrutura familiar, reação frente ao diagnóstico e a comunicação e a organização dos papéis.

Por fim serão apresentadas as considerações finais com intuito de ressaltar, com base nos autores e nos resultados da pesquisa, o que se pôde compreender quanto à comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos e à importância da língua de sinais no contexto familiar para melhor interação entre o surdo e sua família.

## 2 ENTIDADE FAMILIAR

A família é a mais antiga instituição na terra. É dentro dela que o ser humano produz os seus primeiros passos para o desenvolvimento natural e social. (MOURA, 2009). No entanto, segundo Azevedo (2008), diante do contexto social atual é complexo definir o que é família, devido aos vários arranjos dos grupos familiares. Conceituar o que é família, corresponderá às descrições de organizações e composições feitas por ela no decorrer dos tempos.

O dicionário Houaiss (2001) conceitua família dentro dos laços consanguíneos, pela junção do casamento ou a adoção que modifica a composição familiar:

Grupo social básico, formado por pai, mãe e filhos, num sentido mais abrangente pessoas ligadas entre si pelo casamento ou qualquer parentesco [...].

A palavra “família” é de origem latina famulus, usada para definir um conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor, que vivem sob um mesmo teto.

No hebraico bíblico, o termo para família é mishpahah, que significa “família, clã”, isto é, todos os integrantes de um grupo que estavam relacionados por sangue e que ainda sentiam um senso de consanguinidade, parentesco.

No grego do Novo Testamento bíblico, temos a palavra oikos, que pode significar “habitação, casa, lar ou família e pátria, que primeiramente significa “ascendência, linhagem, tribo.

Anteriormente, a Constituição da República Federativa do Brasil, em seu Art. 226, já enfatizava que o conceito de família passou a ser ampliado, passando a ser intitulada a base da sociedade e definida como a união estável entre homem e mulher ou qualquer dos pais proporcionando proteção aos seus descendentes:

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 3º - Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

§ 4º - Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (BRASIL, 1988).

Na concepção de Zamberlam (2001), família é um termo que compete apenas descrevê-lo e jamais conceituá-lo. Através dos tempos toda tentativa de definir o conceito de família resultou em apenas descrever tipos de famílias. Pode-se encontrar elementos comuns em algumas formas de composição familiar, mas nada que a defina ou a iguale e que permita reduzi-la a um único conceito.

Para uma compreensão de como a família vem se organizando ao longo dos anos, será apresentada, a seguir, a sua evolução histórica nos contextos mundial e brasileiro, salientando as influências sociais e culturais que permitiram modificações da família através da história.

## **2.1 Um breve relato histórico da estrutura familiar**

No cenário histórico familiar, durante um bom período de tempo a família era representada pelo gênero masculino além dos fatores econômicos e sociais. Na antiguidade, a mulher era considerada como gênero de menor valor, quando se casava, passava a pertencer ao marido. No direito, não contavam os laços de afeto, uma filha não podia herdar os bens da família por ser considerada inapta a assumir as funções do homem, realizar os rituais aos antepassados, nem gerir os bens (NEVES, 2008).

Segundo Machado (2009), os casamentos eram realizados mediante as condições sociais dos cônjuges para que a rigidez das classes sociais fosse mantida. Entre as classes menos favorecidas economicamente a união acontecia de maneira diferenciada da nobreza, a função das mulheres camponesas eram de ajudar seus maridos, os quais conheciam trabalhando na lavoura, enquanto a união dos nobres era arranjada, e onde se obedecia às linhagens. Para que pudessem juntar as riquezas e manter o padrão social, os pais das moças de origem nobre procuravam casamentos em que as famílias fossem do mesmo nível econômico. Ainda a maior obrigação recaía na conservação dos bens, na prática comum do ofício. Em um mundo em que seres humanos isolados não resistiriam, o essencial para a sobrevivência era a ajuda mútua. O afeto não era identificado como algo fundamental na família nessa época. As trocas afetivas e os contatos sociais aconteciam entre as pessoas mais próximas, não necessariamente, membros da família.

Ainda de acordo com Machado (2014), neste contexto familiar antigo era muito comum o sacrifício ou o abandono de crianças recém-nascidas que apresentassem alguma deficiência, visto que a suposta saúde perfeita garantiria para os meninos assumir o lugar do pai e para as meninas conseguir um bom casamento.

Também no histórico da sociedade familiar, encontra-se o modelo de família patriarcal, estabelecida pelo desenvolvimento da agricultura, houve a necessidade

de se dividir as responsabilidades, porém a autoridade do chefe de família era absoluta, como afirma Pereira (2008, p. 25):

Fato certo e comprovado, este, sim pelos registros históricos, pelos monumentos literários, pelos fragmentos jurídicos, é que a família ocidental viveu largo período sob a forma “patriarcal”. Assim a reconheceram as civilizações mediterrâneas. Assim a divulgou a documentação bíblica.

O direito canônico passa a fazer parte da família, onde “o homem deixa a sua família originária e se une com a mulher para poder formar uma nova família com o mero objetivo de se procriarem” (GAMA, 2001, p. 18).

## **2.2 Família medieval**

A sociedade na Idade Medieval era fundamentada sobre a base da religião, portanto essa caracterizava-se principalmente pelo comando da religião em relação aos homens (ROMAGNOLI, 1996).

As famílias nessa época tinham como principal interesse o cuidado com os membros que a pertenciam, e não apenas com um núcleo fechado formado por pais, filhos e pessoas de uma mesma descendência. Ainda o autor enfatiza que a formação dos grupos familiares na era medieval dava-se através dos sistemas de linhagem em que,

[...] os costumes medievais que vêm desta preocupação de proteger o bem de família. Quando faltam herdeiros diretos, os bens de origem paterna voltam à família do pai, e os bens de origem materna voltam à família da mãe, enquanto que em direito romano só era reconhecido o laço do lado masculino (PERRENOUD, 1997, p.8).

A finalidade da família era a de assegurar a transmissão da vida, dos bens e dos nomes. Os casamentos não eram realizados por haver sentimentos entre os cônjuges e, sim, para garantir a linhagem dos mesmos, pois a densidade social tomava todo o lugar da família. A família não existia como sentimento ou como valor (ÀRIES, 2006).

A evolução do conceito da forma de organização da família medieval durante muito tempo foi limitada aos nobres, burgueses, artesãos e lavradores ricos. Com a inserção da escola, da privacidade, e com a manutenção das crianças junto aos pais e o sentimento de família valorizado por instituições – especialmente a Igreja, a família



começa a ter valor sentimental e a vida familiar foi crescendo, estendendo-se a toda sociedade (ÀRIES, 2006).

### 2.3 A família contemporânea

O modelo de família considerado ideal, predominante em nossa cultura é o da família nuclear (grupo familiar formado por pai, mãe e filhos), mas esta não é a única forma de organização familiar existente nos dias de hoje. As famílias vêm apresentando mudanças e novas configurações. A família tradicional ainda predomina como modelo “ideal”, mas constantemente depara-se com o aparecimento de “novos” arranjos familiares; novas maneiras de ver e ser família (SANTANA *et al*, 2013).

Esses novos modelos de família deixam um pouco de lado os laços de parentesco ou de sangue e se baseiam mais no afeto e nas relações de cuidado. Deste modo, Szymanski (2002) descreve família como sendo uma agregação de pessoas que escolhem conviver por razões afetivas e adota um acordo de cuidado mútuo não levando em conta para isto a existência de laços consanguíneos ou de parentesco.

Devido as diferentes configurações familiares, não há um modelo ideal e único a ser seguido. Os novos arranjos familiares trazem novas responsabilidades para cada indivíduo que faz parte da família. A função de cada membro será definida conforme a particularidade de cada família e não pré-determinada como práticas delegadas ao homem e a mulher. Os papéis estão se modificando com o tempo e estão sendo definidos dentro de um processo de transformação e modificação constante da sociedade (SANTANA *et al*, 2013).

Conforme Gonçalves (2008), ao longo dos séculos a família foi gradativamente evoluindo e com isso ocorreram grandes mudanças a esse respeito no Código Civil entre 1916 e 2002. As distinções, os preconceitos e as desigualdades foram visivelmente aprimorados. Segundo ele:

O Código Civil de 1916 e as leis posteriores, vigentes no século passado, regulavam a família constituída unicamente pelo casamento, de modelo patriarcal e hierarquizada, ao passo que o moderno enfoque pelo qual é identificada tem indicado novos elementos que compõem as relações familiares, destacando-se os vínculos afetivos que norteiam a sua formação (2008, p. 16).

Conforme Gonçalves, a sociedade a princípio só aceitava a família constituída pelo matrimônio, sendo que a lei apenas tratava sobre o casamento, relações de filiação e o parentesco. Devido às constantes mudanças ocorridas no meio familiar, surgiu, ao longo da história humana, o reconhecimento de relações extramatrimoniais que tendem:

As alterações introduzidas visam preservar a coesão familiar e os valores culturais, conferindo-se à família moderna um tratamento mais consentâneo à realidade social atendendo-se às necessidades da prole e de afeição entre os cônjuges e os companheiros e aos elevados interesses da sociedade (GONÇALVES, 2008, p. 6).

Portanto descrever a família na atualidade é algo muito complexo e conceituá-la significa abrir novas possibilidades de diálogo. Esta família contemporânea continua instituindo novas formas de se relacionar, de agir, apesar de tantas resistências ou de tentativas de divulgar sua desestruturação diante destes novos arranjos (MOURA, 2009).

### **3 CONTEXTO FAMILIAR DOS SURDOS**

#### **3.1 Pais ouvintes mediante o diagnóstico e reconhecimento da surdez**

A breve reflexão realizada sobre a constituição da família no decorrer da história mostra a criança como parte desta instituição, pois o nascimento de um filho contribui para o crescimento e a felicidade da família. Entretanto esta contribuição pode ser perdida se a criança possuir alguma doença ou possuir alguma deficiência, e, neste caso, o sofrimento dos pais é notório diante destes acontecimentos inesperados (MOURA, 2009).

O nascimento de uma criança surda traz a necessidade da família lidar com uma nova realidade, antes não esperada. Com o diagnóstico da surdez, os pais geralmente ficam chocados e deprimidos, fechando-se para o mundo e para a criança, pois veem nela o sonho desfeito, a fonte de suas frustrações (STROBEL, 2013).

Deste modo, ter um filho surdo é uma vivência única para os pais que, ao saberem da surdez, enfrentam diversas reações, que são descritas por alguns autores, até que consigam aceitar a perda do filho supostamente perfeito (MOURA, 2009).

Antes do diagnóstico da surdez, e diante da reação diferenciada de comunicação do filho, os pais geralmente estabelecem uma comunicação através do uso da oralidade e alguns gestos caseiros estabelecidos pelas famílias e filho surdo, gerando assim uma grande limitação linguística comunicativa (QUADROS; CRUZ, 2011).

Segundo França e Bagarollo (2013), a constatação da surdez em uma criança, geralmente apresenta-se como uma grande dificuldade para a família, tornando-se fonte de conflitos com repercussões em todo o grupo, em especial no tocante às dificuldades de comunicação.

O diagnóstico da surdez pode ser um processo longo, tanto pela dificuldade em determiná-lo, quanto pelo tempo de que os pais necessitam para assimilar suas frustrações e aceitar a criança de uma maneira diferente do imaginado. Laborit (1994), em sua obra autobiográfica “O voo da gaivota”, descreve o relato de sua mãe: “Você era um lindo bebê, que tinha nascido sem dificuldades, pesava três quilos e meio,

chorava quando tinha fome, ria, balbuciava como os outros bebês, divertia-se. Não percebemos logo” (p.11).

O momento de receber o diagnóstico da surdez pode ser decisivo na vida da criança e dos familiares. Iniciam as dúvidas, apreensões e preocupações quanto ao crescimento, desenvolvimento e aos procedimentos que deverão ser adotados. As reações dos pais na ocasião do diagnóstico podem ser um momento confuso, cheio de imprecisões e de incertezas quanto ao futuro do filho e da sua família (MOURA,2009).

Uma questão a ser considerada é a idade em que a surdez é diagnosticada. No Brasil a idade média desse diagnóstico de surdez, “está em torno de três a quatro anos, podendo levar até dois anos para ser concluído, causando assim danos irreparáveis para a criança referente ao seu desenvolvimento” (SILVEIRA, 1992 apud, QUADROS, 2011, p. 27).

Em relação a esse diagnóstico, a autora ressalta que é fundamental realizar exames audiológicos em bebês. Atualmente há exames\_ teste da orelhinha, que detectam perdas auditivas e determinam o seu tipo e grau de surdez, além de investigarem as possíveis causas e propondo assim uma intervenção precoce adequada as necessidades da criança (QUADROS e CRUZ, 2011).

Para avaliar a audição de bebês, é usado um aparelho que não depende da resposta do paciente. Com o bebê dormindo, sem incomodá-lo, é possível detectar se são propensos a algum problema de audição. O exame deve ser feito em recém-nascidos, das primeiras 48 horas de vida até três meses. (ALBRES, 2010, p.).

Após o diagnóstico, esses familiares de crianças com surdez passam por quatro processos até chegarem a fase de uma suposta aceitação dessa condição (PANIAGUA, 2004).

A primeira reação da maioria dos pais diante do diagnóstico da surdez é a de choque. Para eles a sensação de dormência quando confrontada com a notícia pela primeira vez. Vivenciam uma sensação de perda do bebê “ideal” que tanto aguardavam, juntamente com a perda de seus sonhos. Deste modo, o relato da mãe da autora Laborit mostra o momento de choque quando informados a respeito de sua surdez: “Aos nove meses, fomos a um especialista que disse que você tinha nascido surda profunda. O choque foi rude”. (LABORIT, 1994, p.13).

Barbosa (2004) reconhece que esse é um momento de extrema pressão, quando se exige que absorvam e aceitem a real situação e comecem a cuidar do bebê que será parte da vida familiar durante o resto de suas vidas. A autora descreve ainda que diante do diagnóstico de surdez, é natural da parte dos pais apresentarem algumas emoções:

[...] eles podem sentir um desejo grande de proteger o bebê ou podem sentir rejeição e querer “desligar” suas emoções. A comunicação é fundamental. É preciso que haja diálogo com o companheiro ou com uma pessoa mais próxima. É essencial compartilhar emoções (p.34).

Negação é o segundo processo pelo qual os pais de crianças com surdez passam. Inconformados com o diagnóstico, os pais sentem um bloqueio, suas ideias ficam confusas e geralmente negam a informação recebida (PANIAGUA, 2004). Muitos pais reagem de maneira como se nada tivesse acontecido, não acreditando no diagnóstico dos médicos e questionando a veracidade do mesmo, buscando alternativas e segundas opiniões.

[...] seu pai e eu iniciamos um período de angústia e de observação constantes. Assobiávamos, chamávamos por você, batíamos as portas, olhávamos você bater as mãos e agitar-se como se dançasse uma música [...]. Acreditávamos nisso porque não acreditávamos mais. Sentíamos-nos perdidos.

[...] Eu não podia admitir, seu pai também não. Dizíamos: é um erro de diagnóstico, é impossível. Fomos ver um outro especialista, e eu esperava tanto que ele fosse sorrir e nos mandar de volta para casa, tranquilizando-nos (LABORIT, 1994 p.13).

Diante desse relato, outros pais não conseguem acreditar que isso de fato realmente aconteceu e, às vezes, esforçam-se bastante para tentar provar que não é real a condição de surdez. Infelizmente também essa não aceitação dos pais pode ocasionar dizeres por parte dos parentes como: “Bom, isso não pode ter vindo do nosso lado da família” (BARBOSA, 2004, p.34).

O terceiro processo é um período de confusão emocional. Consiste num turbilhão de emoções que se misturam. Alguns sentem raiva pela perda de seu filho perfeito, tristeza pela confirmação do diagnóstico inicial, ansiedade por pensar em não saber lidar com a situação, por uma razão ou outra, culpam a si mesmos pelo acontecido, sentimentos esses que foram exemplificados pelos pais de uma criança surda:



Seu pai estava completamente abatido, e eu chorava. De onde vinha essa 'maldição'? Herança genética? Uma doença durante a gravidez? Sentia-me culpada, e seu pai também. Em vão procuramos alguém na família que tivesse sido surdo, de um lado e do outro (LABORIT, 1994 p.14).

Esses sentimentos não são incomuns, e às vezes, a mãe tem um sentimento de culpa, porque sente que pode ter se cuidado mal durante a gravidez, ou percebe o fato como algum tipo de punição por coisas que ela fez no passado, por isso que nesse período é importante que os casais partilhem um com o outro ou com a família ou os amigos fatos acontecidos relacionados a surdez. Todos precisamos de alguém em quem apoiar, vez ou outra, ninguém pode enfrentar esse período de tristeza emocional sozinho, devem compartilhar entre a família, com os amigos ou profissionais que entendam de surdez (BARBOSA, 2004).

A quarta fase mencionada por Paniagua (2004) é a denominada de adaptação e orientação. Nela os pais se esforçam para conseguir controlar suas emoções. É quando a intensidade do sentimento diminui, semelhante a calma após uma tempestade. Neste momento buscam maiores informações a respeito do que fazer e como fazer para poderem ajudar seu filho.

Fiz perguntas ao especialista. Três perguntas:  
 Você falaria?  
 Sim. Mas isso vai demorar.  
 O que fazer?  
 Um aparelho, reeducação orofônica, sobretudo nada de linguagem gestual.  
 Eu poderia procurar adultos surdos?  
 Isso não seria uma boa coisa, eles pertencem a uma geração que não teve reeducação precoce. A senhora ficaria desanimada e decepcionada.  
 (LABORIT, 1994, p. 13)

É o momento em que irão recompor suas emoções e chegarão finalmente à etapa de reorganização. Até chegarem a esta etapa pode ser que tenham se passado alguns meses ou até anos, de acordo com a situação de cada um. A autoestima dos pais melhora a cada dia e a capacidade de cuidar de seu filho começa a se desenvolver podendo assim atender as suas necessidades (PANIAGUA, 2004).

### **3.2 A comunicação e a organização dos papéis**

O ambiente familiar que se constitui pelo nascimento de uma criança surda exige uma reorganização dos papéis dos respectivos pais. Uma vez que a criança

surda geralmente fica sob a responsabilidade da mãe e a relação de comunicação com os demais membros da família é bastante reduzida. Na maioria das vezes crianças surdas nascidas em famílias ouvintes tendem a não pertencer nem ao mundo ouvinte, nem ao mundo surdo. Desenvolvem em uma família onde se sentem isoladas, conforme exemplificado por Sacks (2005):

Anteriormente privado de oportunidades – pois ele nunca fora exposto à Língua de Sinais – e prejudicado em sua motivação e estado de espírito (sobretudo no que se refere ao prazer que a brincadeira e a linguagem deveriam proporcionar), Joseph estava então apenas começando a aprender um pouquinho da língua de sinais, começando a ter alguma comunicação com os outros. Isso manifestamente o deleitava; ele queria ficar na escola o dia inteiro, a noite inteira, o fim de semana inteiro, o tempo todo. Dava muita pena ver a sua aflição ao sair da escola, pois ir para a casa, para ele, significava voltar ao silêncio, retornar a um vácuo de comunicação sem esperanças, onde ele não podia conversar, comunicar-se com os pais, vizinhos, amigos; significava ser deixado de lado, tornar-se novamente um ninguém. ( 2005, p. 51).

Nesse sentido, após o diagnóstico da surdez, a forma de comunicação entre pais ouvintes e crianças surdas pode modificar ou não. As autoras afirmam a importância da postura familiar mediante o reconhecimento da surdez:

Pois o acesso às informações referentes a surdez e o processo de desenvolvimento da criança surda, a conscientização e sensibilização das necessidade da criança referente a aquisição de uma língua de sinais ( visual-espacial), o reconhecer da importância de aprender uma nova língua para se comunicar verdadeiramente com a criança surda, o conhecimento e a troca de experiências com pais de crianças surdas que utilizam a língua de sinais, a possibilidade de receber apoio emocional, [...], são alguns dos fatores que podem exercer grande influência no processo de aquisição da língua da criança surda, contribuindo para que a criança tenha um processo de aquisição normal ou alterado (QUADROS e CRUZ, 2011. p.28).

Deste modo, diante da reação da família para com a surdez, a criança pode receber uma marca que a identifique como deficiente, ou na convivência e contato com a comunidade surda ela encontra um verdadeiro acolhimento, semelhança e identificação com seus semelhantes. Sendo assim, constrói uma imagem positiva de si mesmo, como um ser capaz. Isso justifica o estar entre os amigos, na escola ou nas associações de surdos, ou em um lugar onde se partilhem a mesma língua, onde possa se fazer entender e compreender, algo melhor do que estar próximo à família ouvinte (MOURA, 2009).

Eu tive que renascer ao entrar na Comunidade Surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo e assim através da Língua de sinais eu comecei a entender os significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das ações e muito mais das palavras (VILHALVA, 2001, p. 29).

Nas famílias ouvintes com filhos surdos, precisam compreender essa necessidade que seu filho possui e desta forma ressignificar sua forma de ver e compreender este filho surdo. Pois, não é nada fácil para estes pais identificarem-se com o filho, sentem dificuldade em como lidar e aprender uma nova língua e desconhecem a necessidade de um contato permanente com uma nova cultura (BISOL, 2004).

A pesquisadora surda Strobel (2013), traz um conceito sobre essa nova cultura:

É o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de torna-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. [...] abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (p.29).

Nem sempre a família é orientada sobre o que significa ter um filho surdo e muito menos sobre essa nova cultura. Não é fácil para esses pais se identificarem com essa criança. Existe a dificuldade de aprender uma nova língua, uma nova cultura. Essas famílias precisam ser auxiliadas a compreender a diferença entre eles, mudando assim a maneira de ver e de se relacionar com o filho. Para que essa família tenha uma participação expressiva no desenvolvimento dessa criança, terá que abrir mão de que o único meio de comunicação que existe é o da fala. Precisam conhecer e conviver com outras pessoas surdas (STROBEL, 2013).

[...] a criança surda no contato com modelos surdos adultos, não apenas está assegurada a aquisição e desenvolvimento da linguagem, como também a integração de um autoconceito positivo. Ela terá a possibilidade de desenvolver a sua identidade como representação de integridade, não como a de falta ou deficiência [...], podendo se perceber como capaz e passível de vir a ser. Ela não terá que ir atrás de uma identidade que ela nunca consegue alcançar: a do ouvinte (STROBEL, 2013, p.54).

Deste modo, os filhos surdos podem compartilhar junto à família de seu mundo ouvinte e as famílias compartilharão do mundo surdo com seu filho, sem isolamentos

e grande interação. Esse compartilhar só será possível, segundo Strobel (2013), se as famílias tiverem o acesso à cultura surda logo após o diagnóstico da surdez.

Portanto, a necessidade principal dos familiares de um surdo é aceitar a mudança de hábitos, procurando se adaptar aos novos acontecimentos, acompanhar o progresso da criança e seu desenvolvimento social e educacional. Devem saber lidar com as diferenças, aceitando os desafios que vierem. A participação da família na comunicação do surdo, por meio dos sinais, possibilitará a esse indivíduo a interação com o mundo e tornará o convívio mais agradável e feliz (BISOL,2004).

Moura (2009, p.26) enfatiza que “é necessário conhecer dentro desta cultura a língua de sinais e procurar a comunidade surda para não conviverem com tantas dúvidas levantada sem primeiro momento pelos profissionais da área de audição: fonoaudiólogos, otorrinos”.

Entretanto Strobel (2013) coloca que geralmente as famílias de surdos não procuram a comunidade surda, que estariam nas associações de surdos, federações de surdos e outros. Preferem procurar as escolas, porque elas oferecem aos surdos o modelo ouvinte próximo perante à sociedade ouvintista.

Essa opção da família acontece devido aos profissionais da área de audição serem os primeiros a entrarem em contato com esta família em um momento de crise, e Lane (1992) descreve que esses profissionais estão mal informados sobre a comunidade surda e sua língua, e devido estes pontos não fazem parte de sua formação, por isso “[...]Os próprios surdos seriam participantes cruciais no debate e nos acordos respeitantes às vidas das crianças surdas e dos adultos” (p.37).

Portanto, para uma boa aliança familiar, a participação efetiva por parte dos pais é essencial, pois o apoio da família estabelece a base para a vida social da criança surda, para o entendimento das coisas e a compreensão de suas diferenças. Os pais desempenham o papel de responsáveis pela sintonia estabelecida com a criança e também por facilitar as trocas comunicativas.

### **3.3 A importância da comunicação adequada entre pais ouvintes e filhos surdos**

A aquisição da linguagem na criança acontece devido à interação da mesma com o ambiente que a cerca e o convívio com outros da espécie humana. Através da

linguagem pode-se viabilizar a comunicação e a vida em sociedade (VYGOTSKY, 2001).

Goldfeld (2010) ressalta que, no decorrer do desenvolvimento infantil, a criança passa por diversas mudanças, e a língua é um dos principais instrumentos que permeiam esse processo. Para a criança surda, portanto, esse processo de desenvolvimento pode ficar fragmentado, pois ela não poderá aprender a língua oral de forma espontânea, como a criança ouvinte. Nesse sentido, a aquisição da língua de sinais vai permitir à criança surda, mediante suas relações sociais, o acesso aos conceitos de sua comunidade, os quais passará a utilizar como seus, formando assim uma maneira de pensar, agir e ver o mundo característico da cultura de sua comunidade.

Deste modo, a criança surda tem possibilidade de adquirir uma língua por meio do canal viso espacial, “pois a língua de sinais é a língua de acesso a criança surda de forma natural e espontânea alterado” (QUADROS e CRUZ, 2011. 30).

O problema encontrado na maioria dos casos com famílias ouvintes com crianças surdas, é a ausência de diálogo e de entendimento. Na maioria das vezes, os pais não conseguem interagir ou se comunicar com o filho surdo pela falta de conhecimento a respeito da cultura surda, e principalmente, da língua de sinais, e em outras situações trágicas, rejeitam a própria língua materna de seus filhos (STROBEL, 2013).

Neste sentido, a autora descreve o seu sentimento referente à ausência de diálogos, em seu ambiente familiar composto por pais ouvintes: “Em muitas ocasiões eu não entendia o que falavam ao redor da mesa durante as refeições ou durante as novelas na televisão e muitas vezes implorava às pessoas pela pouca atenção e explicação sobre tudo” (STROBEL, 2013, p. 61),

Outro relato apresentado pela autora surda Laborit (1994), fala a respeito desses anseios vividos por crianças surdas em ambientes ouvintes:

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e, algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legenda. (p.59)



Esses anseios provem de surdos, filhos de pais ouvintes, e esses pais tem uma grande dificuldade de aceitar uma cultura gestual, não permitindo contato dessas crianças com a comunidade surda desde cedo, o que prejudica a convivência dos surdos na sociedade. Na maioria das vezes, o problema mais frequente para a pessoa surda é a carência de diálogo e de entendimento dentro do próprio ambiente familiar, devido à falta de uma língua em comum o que ocasiona profundas frustrações na pessoa surda (SILVA e BASTOS, 2013, p.30)

Isso mostra a necessidade de refletirmos com seriedade sobre a importância de trazer as crianças surdas ao contato com surdos adultos para criarem um vínculo identificador cultural [...]

Esse contato da criança surda com adultos surdos, através de uma língua em comum, que é a língua de sinais, é que proporcionará o acesso à linguagem e, dessa forma, assegurará a identidade e a cultura surda, que são transmitidas naturalmente à criança surda em contato com a comunidade surda (STROBEL, 2013, p. 48).

A autora Quadros; Cruz (2011), descreve que os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem incluem o conjunto de interações entre a criança e o ambiente, podendo ser afetados, positiva ou negativamente, pela qualidade dessas interações. Isso sugere que a postura que a família toma em relação à língua de sinais influencia diretamente o desenvolvimento da criança surda.

Quando a família passa a aceitar seu filho surdo como cidadão possuidor de cultura e língua própria, a convivência entre ambos passa a ser bem melhor.

Através da Língua de Sinais, que é uma Língua completa, com estrutura independente da Língua Portuguesa Oral ou Escrita possibilitando o desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo, favorecendo o seu acesso a conceitos e conhecimentos que se fazem necessários para sua interação com o outro e o meio em que vive, percebi que minhas dúvidas diminuíram e o meu prazer de viver com os ouvintes aumentou de forma viva na comunicação. (VILHALVA, 2001, p.37)

De acordo com Quadros; Cruz (2011), quando os pais sentem-se preparados e confiantes para aprender a língua de sinais por meio de cursos com instrutores ou professores surdos, em programas de pais, entre outras possibilidades, intensificam-se as trocas comunicativas entre pais e filho surdo, e gradualmente, as observações à evolução do desenvolvimento linguístico são comentadas. Resgata-se o vínculo comunicativo, possibilitando interações linguísticas semelhantes às de pais ouvintes

e filho ouvinte e melhora significativamente a compreensão e a expressão da criança surda.

A criança surda, com pais fluentes na língua de sinais, integra-se à família como participante, pois participa do dia a dia, quer saber e consegue saber o que está sendo dito pelas pessoas e pelos meios de comunicação. Os pais, então estabelecem uma relação comunicativa efetiva com o seu filho, fortalecendo a relação pai e filho. Nesse processo os pais passam a compreender o filho e o filho passa a compreender os seus pais. As crianças tem a oportunidade de expressar para a família o que pensam, sentem, imaginam e o que não sabem, estabelecendo trocas comunicativas efetivas. (QUADROS e CRUZ, 2011. p. 38)

A língua de sinais fortalece a relação entre pais e filhos. Os pais precisam ter a chance de desempenhar a sua função, participando da vida dos filhos, educando, brincando, conversando, olhando e amando o seu filho surdo, da mesma forma como outros pais de filhos ouvintes. Se os pais conseguirem estabelecer esse vínculo por meio de uma língua comum, as crianças surdas terão um ambiente favorável para o seu desenvolvimento geral (VILHALVA, 2001).

#### **4 LIBRAS: UMA PONTE PARA COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS OUVINTES E FILHOS SURDOS.**

A Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS, define a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como a língua materna dos surdos brasileiros, e em 2002, através da lei 10436 de 24 de abril, a Língua Brasileira de Sinais –LIBRAS, foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, validando como língua oficial dos Surdos brasileiros, usada e difundida nas comunidades surdas e afins, como dispõe no decreto nº 5626/05.

As Línguas de Sinais não são universais. Cada país possui a sua própria língua de sinais, que sofre as influências da cultura nacional. Ao contrário do que muitos pensam, é uma língua natural e possui uma estrutura gramatical própria, possui corretamente os níveis linguísticos fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Ultrapassa as ideias daqueles que acreditam serem apenas gestos ou mímicas, como uma maneira de comunicação entre os deficientes auditivos (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Segundo Felipe (2007), o que diferencia a língua de sinais das demais línguas orais é a sua modalidade visual-espacial que utiliza, como meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão, e expressa pelas mãos, enquanto que a língua oral-auditiva utiliza, como canal de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos.

Deste modo, o que é denominado de palavras ou item lexical nas línguas oral-auditivas é denominado sinais, nas línguas de sinais. Entretanto, da mesma forma que as línguas orais-auditivas não são iguais, variando de lugar para lugar, a língua de sinais também varia. A cultura local decorre muito nos resultados da língua, e as expressões são influenciadas pelo regionalismo, o que a justifica muito mais como língua (GESSER, 2009).

A estrutura da Língua Brasileira de Sinais é constituída de parâmetros que se combinam de forma sequencial ou simultânea. Os sinais são formados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são realizados. As autoras Brito (1995); Quadros e Karnopp (2004) descrevem esses parâmetros.

#### 4.1 Configuração das mãos

A configuração de mãos representa a forma que a mão assume durante a realização de um sinal. As primeiras pesquisas realizadas no Brasil, a pesquisadora Brito (1995) identificou 46 configurações de mãos em LIBRAS, (Quadro abaixo), sendo elas coletadas em diversas capitais do país. A autora afirma que essas formas das mãos, podem ser diferenciadas pela extensão (lugar e número de dedos estendidos), pela contração (mão fechada, mão aberta) e pelo contato ou divergência dos dedos, os quais podem variar, apresentando uma mão configurada, uma mão configurada sobre a outra, que lhe serve de apoio, ou duas mãos configuradas de forma espelhada.



Recentemente, Faria-Nascimento (2009), diante das suas pesquisas, identificou diversas configurações de mãos, (Quadro abaixo), utilizadas por Surdos no território Nacional.



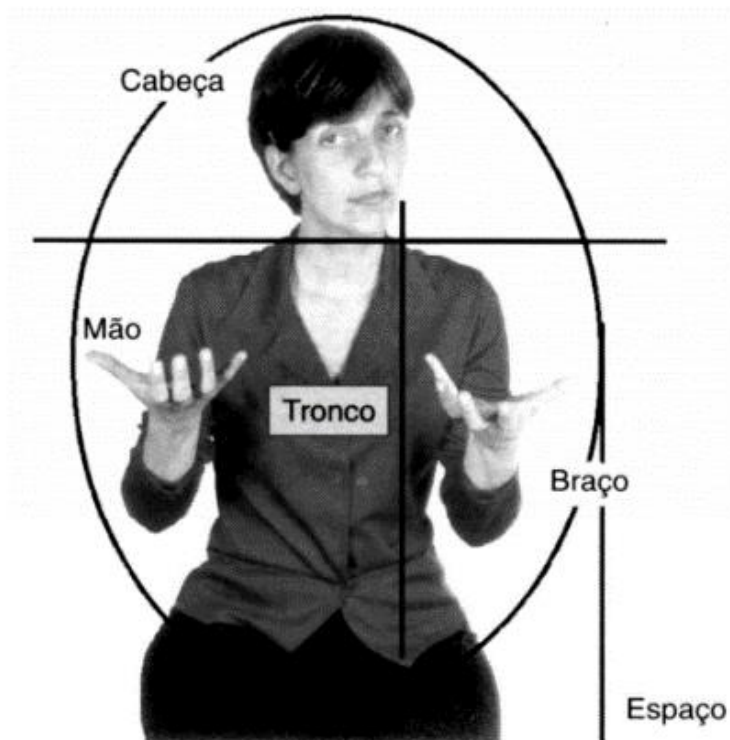
Figura 2 – As 75 Configurações de Mãos em LIBRAS

Fonte: (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p 44)

## 4.2 Locação

É o lugar onde incide a mão predominante configurada, ou seja, local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro. Segundo Quadros e Karnopp (2004), na língua de sinais brasileira, assim como em outras línguas de sinais até o momento investigadas, o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados. O espaço de enunciação é um espaço ideal, no sentido de que se considera que os interlocutores estejam face a face.





**Figura 3 – Espaço de realização dos sinais da Libras**  
 Fonte: (QUADROS e KARNOPP, 1997, p. 49)

Quadros; Karnopp (2004) afirmam que na efetivação da Língua de Sinais, a locação ou ponto de articulação se refere ao local, no corpo do sujeito falante da língua ou na área definida pelo corpo, onde será realizado o sinal. Assim, uma maior especificação da posição é necessária, já que a região no espaço é muito ampla. Esse espaço é limitado e vai desde o topo da cabeça até a cintura, sendo que alguns pontos de articulação são mais precisos. As especificações dividem o corpo das pessoas em cabeça, tronco, braços, mãos, e também em outras pequenas partes como olhos, pescoço, pulso, palmas, dentre outros. Alguns adjetivos explicam ainda mais o ponto. São aqueles que especificam a subdivisão do corpo em questão (lado direito, esquerdo, interno externo, etc.), além daqueles que informam se há o contato ou distância quando são realizados (imediatamente, próximo, em contato, distante, dentre outros).

### 4.3 Movimento

Os sinais podem ter um movimento ou não. Esse parâmetro fonológico consiste no deslocamento da Configuração de Mãos, durante a realização de um determinado sinal. Por exemplo, o sinal [EM-PÉ] **não possui movimento**:

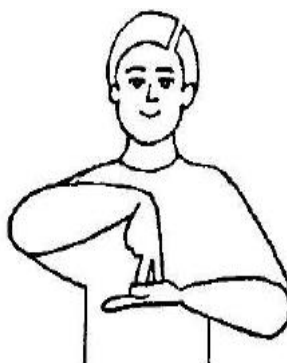


Figura 4 – Sinal (EM-PÉ) não possui movimento

Fonte:(CAPOVILLA e RAPHAEL, 2008, p.578)

O sinal [EVITAR] **possui movimento**:

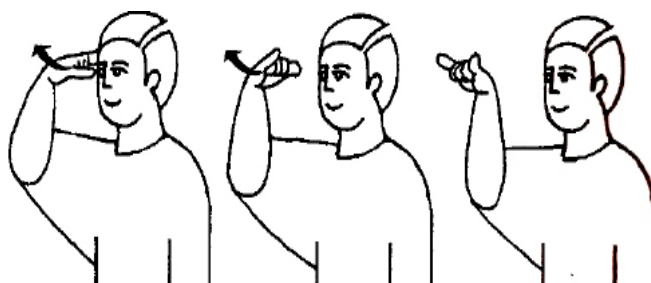


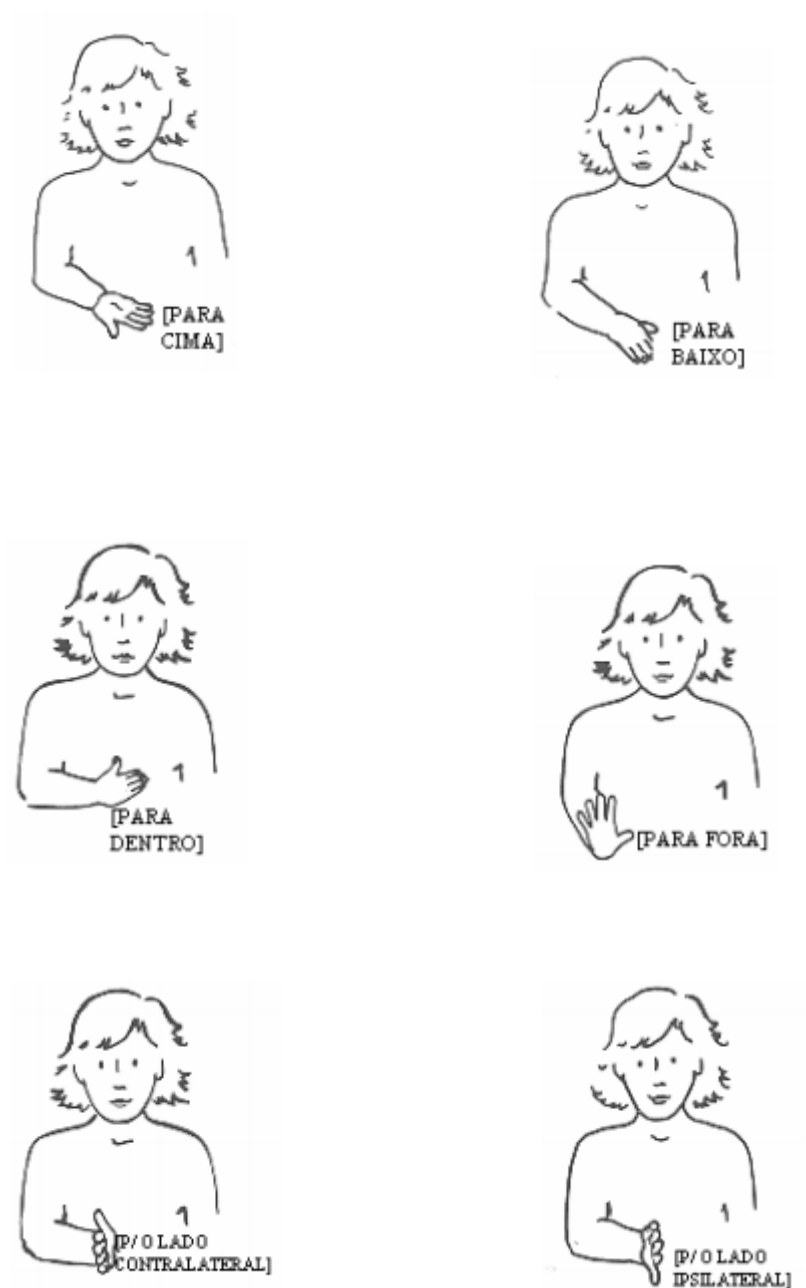
Figura 5 – Sinal (EVITAR) possui movimento

Fonte:(CAPOVILLA e RAPHAEL, 2008, p. 635)

Para que haja movimento, é preciso haver objeto e espaço. Nas línguas de sinais, a(s) mão(s) do enunciador representa(m) o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza (o espaço de enunciação) é a área em torno do corpo do enunciador (BRITO, 1995). O movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço (QUADROS e KARNOPP, 2004)

#### 4.4 Orientação

Por definição, orientação é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Brito (1995, p. 41) enumera seis tipos de orientações da palma da mão na LIBRAS: “para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita ou para a esquerda”.



Figuras 6 – Orientação da palma das Mãos na LIBRAS

Fonte: (MARENTETTE, 1995, p.204 apud KARNOPP, 2004, p.40)

#### 4.5 Expressão não-manual

Segundo Quadros; Karnopp (2004), as expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas, dentre outras. As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa ou advérbio. Com base em Baker (1983), apud Brito e Langevin (1995) identificam as expressões não-manuais da LIBRAS, as quais são encontradas no rosto, na cabeça e no tronco

Deve-se salientar que duas expressões não-manuais podem ocorrer simultaneamente, por exemplo, as marcas de interrogação e negação. As expressões faciais / corporais são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Língua de Sinais é feita pela expressão facial, como o sinal [ALEGRE].

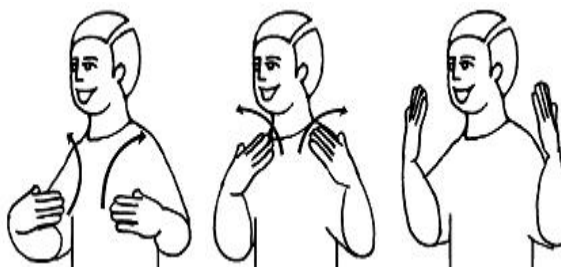


Figura 7 – Sinal (ALEGRE)

Fonte: (CAPOVILLA, RAPHAEL, 2008, p.173)

Portanto, é através da Língua de sinais que a comunicação das pessoas surdas acontece com mais rapidez e eficiência. Quanto mais cedo uma pessoa surda aprender a Língua de Sinais, mais facilmente ela terá conhecimento do mundo e mais rápida será sua aprendizagem e essa aprendizagem acontece de maneira natural, assim como quem ouve aprende a língua oral de seu país (STROBEL, 2007).

Na vida do sujeito surdo, a família, não importante como seja constituída, exerce um papel de suma importância, pois é nela que o mesmo tem o apoio

necessário para encontrar e descobrir o mundo. O aprendizado da língua de sinais facilitará o relacionamento entre pais e filhos e tornará o processo de interação entre os membros da família satisfatórios. A família necessita estar disposta a aceitar o filho surdo e acreditar em sua capacidade, pois o mesmo tem sua família como base de apoio capaz de torná-lo forte e confiante de suas atitudes. Os pais de surdos devem estar cientes da tão grande importância da comunicação entre ambos, uma vez que, por meio da língua de sinais, este diálogo pode fluir de maneira satisfatória e sentimentos e emoções podem ser trabalhados nesta modalidade (QUADROS e KARNOPP, 2004).

## **5 METODOLOGIA**

### **5.1 Local da Pesquisa**

A presente pesquisa foi realizada no Município de Ariquemes, RO, nos diversos bairros da cidade, localizados na região central e periférica. O momento primordial da pesquisa ocorreu nas próprias residências das famílias entrevistadas, nos dias e horários escolhidos por cada participante.

### **5.2 Participantes**

Foram convidadas a participar da presente pesquisa seis famílias onde os pais são ouvintes e um ou mais filhos são surdos. No total, participaram diretamente da coleta de dados seis mães, que responderam ao instrumento utilizado. O contato inicial com esta família foi por telefone e ocorreu através da professora orientadora, devido o contato direto da mesma com a comunidade surda. Nessa pesquisa houve uma contribuição apenas das mães devido o contato mais diretos com os filhos.

### **5.3 Instrumentos utilizados**

A estrutura da pesquisa está dividida em três etapas, são eles: identificação, diagnóstico e reconhecimento da surdez e organização dos papéis e comunicação. Como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário elaborado pela própria autora, contendo 14 questões que serão utilizadas para análise dos dados referente à relação de pais ouvintes com seus filhos surdos. O questionário foi aplicado às mães e a análise das respostas será apresentada em quadros, gráficos e relatos descritivos apresentando os resultados da pesquisa.

### **5.4 Procedimentos**

Como procedimento a pesquisadora se apresentava às mães das famílias participantes do presente estudo explicando que o objetivo da pesquisa era conhecer como é o relacionamento familiar entre pais ouvintes e filhos surdos e como acontece a comunicação e interação entre eles. Para todos os participantes houve solicitação de consentimento para sua participação antes do início da pesquisa.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresentaremos o resultado da análise dos dados coletados durante a pesquisa de campo a fim de compreender como ocorre o relacionamento e o processo de comunicação entre as famílias ouvintes e seus filhos surdos.

### 6.1 Analisando a estrutura familiar

Ao descrever a estrutura familiar de surdos com famílias ouvintes, faz-se necessário compreender e analisar a formação da estrutura familiar no qual o surdo está inserido, pois é através desta interação que o surdo constituirá como sujeito participante de uma sociedade como verdadeiro cidadão.

Neste estudo foi possível observar que todas as mães que participaram das pesquisas são ouvintes (100%), e estas tem filhos que apresentam as características da surdez.

#### QUADRO I – Identificação das mães

Identificação	Idade atual (mãe ouvinte)	Idade atual (filho surdo)
Mãe A	42 anos	Filha 19 anos
Mãe B	36 anos	Filha 20 anos
Mãe C	48 anos	Filho 20 anos Filho 22 anos
Mãe D	32 anos	Filho 13 anos
Mãe E	24 anos	Filha 07 anos
Mãe F	36 anos	Filho 14 anos

Reconhecendo a importância da estrutura familiar, as pesquisas de Quadros; Karnopp (2004), descrevem que noventa e cinco por cento (95 %) das crianças surdas, são filhos de pais ouvintes, e a ausência da audição, faz com que esses pais enfrentem vários obstáculos em relação ao processo de comunicação.

Também pode-se notar que as mães ouvintes tiveram uma participação total nas entrevistas, o que confirmam o estudo realizado por Brito (1995), onde sugere que há um menor interesse e envolvimento do pai no desenvolvimento das interações e relações familiares e que a mãe assume a responsabilidade maior pelos cuidados e

educação da criança surda. Por este motivo o envolvimento da mãe com o seu filho caracteriza pelo interesse em criar alternativas de comunicação e conseguir um relacionamento mais achegado com o filho.

Quanto ao grau de instrução, (QUADRO II), uma análise comparativa do nível de escolaridade das mães e de seus filhos surdos, percebe-se que a mãe B possui um nível de escolaridade superior que proporciona uma comunicação significativa em Língua de Sinais – LIBRAS com a sua filha. Percebeu-se que a busca pela escolaridade de forma especializada pela mãe B, foi devido a angustia que vivenciou em seu lar, devido ausência de comunicação, o que justificou a necessidade em aprender a se comunicar através da LIBRAS para que sua filha tivesse um desenvolvimento escolar e social, mas principalmente dentro de seu lar, participando das conversas em família.

#### **Quadro II – Grau de instrução**

<b>Identificação</b>	<b>Mãe ouvinte</b>	<b>Filho surdo</b>
Mãe A	Ensino Médio	Ensino Superior cursando
Mãe B	Ensino Superior/ Especialização em Libras	Ensino Superior cursando
Mãe C	Ensino fundamental incompleto	2º ano EM cursando Ensino Fundamental incompleto
Mãe D	Ensino Médio	6º ano EF
Mãe E	Ensino Médio	2º ano EF
Mãe F	Ensino Médio	7º ano EF

Em contrapartida, não se pode negar as dificuldades de comunicação existentes no convívio familiar ouvinte com filhos surdos, há formas alternativas de se fazer entender entre si. Isso é um reflexo da baixa escolaridade apresentada por alguns familiares ouvintes e o acesso de seus filhos surdos nos sistemas de ensino.

Em relação à pesquisa, no próximo tópico serão expostas as reações que os pais tiveram frente ao diagnóstico médico.

#### **6.2 Reação frente ao diagnóstico**

As mães foram questionadas sobre o momento em que as mesmas desconfiaram de que seu filho pudesse ser surdo e em que idade foi dado o diagnóstico médico:



### QUADRO III – Identificação da surdez e diagnóstico médico

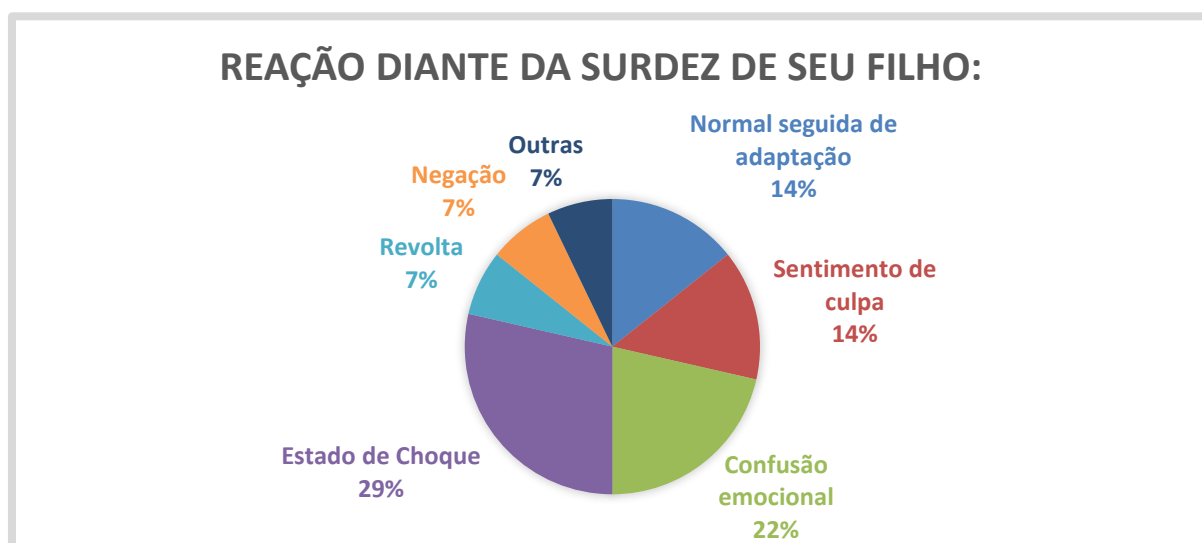
Identificação	Idade que percebeu a surdez	Diagnóstico Médico
Mãe A	1 ano e meio	2 anos
Mãe B	3 meses	2 anos
Mãe C	1 ano e meio	2 anos
Mãe D	7 meses	1 ano e meio
Mãe E	2 anos	3 anos
Mãe F	6 anos	7 anos

Conforme o quadro acima, nota-se que a idade correspondente ao diagnóstico confirma as pesquisas realizadas no Brasil, onde a idade média desse diagnóstico de surdez, “está em torno de três a quatro anos, podendo levar até dois anos para ser concluído, causando assim danos irreparáveis para a criança referente ao seu desenvolvimento” (SILVEIRA, 1992 apud, QUADROS, 2011, p. 27). Considera-se então de suma importância o diagnóstico o quanto antes, para o desenvolvimento da criança.

De acordo com o que é demonstrado na questão seguinte, quando questionadas sobre qual a sua reação ante a surdez de seu filho, as mães responderam da seguinte forma:

Somente a mãe A e a mãe F disseram ter reagido de forma normal seguida de adaptação. A mãe B diz ter tido reações do tipo sentimento de culpa, confusão emocional e ter entrado em estado de choque. A mãe C diz ter entrado em estado de choque e ficado revoltada. A mãe D diz ter tido confusão emocional, ter entrado em estado de choque, demorou para aceitar. Conforme o próprio relato dela “demorou muito pra cair a ficha, [...] até então eu fiquei correndo atrás de cura, pra mim que existia uma cura”. A mãe E disse que “o sentimento de culpa era grande, que ficou emocionalmente confusa, entrou em estado de choque, chegou a negar não acreditando que poderia ser verdade e temia o preconceito das pessoas”.

Deste modo, compreende-se que um número considerável, 29%, das mães reagiram com o estado de choque, seguido de confusão emocional 22%, conforme exemplificado no gráfico abaixo:



Diante desses dados podemos comprovar que na grande maioria os pais são tomados por sentimentos que os deixam perplexos sem saber qual caminho seguir. Portanto é de suma importância que profissionais na área da saúde, proporcione orientações aos pais, sobre quais os caminhos que os mesmos devem seguir juntamente com seus filhos surdos.

Para Brito e Dessen (1999), a primeira necessidade dos familiares de um surdo é a aceitação da mudança de hábito. É necessário, nesses casos, que a família procure se adaptar aos acontecimentos, acompanhando as evoluções do filho e seu desenvolvimento global, buscando saber lidar com as diferenças e aceitar os desafios, para, dessa forma, conseguir criar e estimular essa criança de forma adequada e afetuosa.

Após a descrição de suas reações, as mesmas foram questionadas sobre quais foram as providencias tomadas logo após o diagnóstico e obtivemos as seguintes respostas:

**Mãe A:** respondeu que procurou uma fonoaudióloga e que foi colocado um aparelho para que sua filha pudesse ouvir.

**Mãe B:** disse que com 4 anos sua filha começou a estudar. Que buscou recursos. Foi para São Paulo a procura de uma escola especializada. Sua filha usou aparelho dos 4 aos 13 anos de idade. Fez terapia fonoaudiológica. Sempre foi acompanhada por fono, psicóloga, otorrino e pediatra.

**Mãe C:** diz que foi para Curitiba ficando lá por seis meses e neste período foi colocado aparelho nas duas crianças, mas os próprios médicos falaram que não iria adiantar: “os médico disseram que não tinha jeito que eles nunca iam escutar”.

**Mãe D:** levou para consultar com outros médicos. Correu atrás porque queria que fosse feito cirurgia. Com 2 anos colocou aparelho e ficou na expectativa que seu filho iria escutar: “eu naquela expectativa que colocou o aparelho no primeiro dia e já vai ouvi, ai e nada...”

**Mãe E:** diz que levou para consultar com a fonoaudióloga e que para saber mais sobre o assunto começou a pesquisar na internet. Fazia isso sempre que tinha alguma dúvida para que pudesse ajudar sua filha a se comunicar.

**Mãe F:** disse que devido aos outros problemas do filho os médicos acharam melhor não fazer implante do aparelho.

Logo após o diagnóstico da surdez, nota-se que os familiares buscaram um auxílio para melhor entender e compreender o processo pelo qual seu filho precisava passar. Mesmo que em alguns momentos os pais não tivessem a total certeza se tal procedimento seria o ideal para seu filho, percebe-se que todos os pais foram em busca de cuidados médicos. Atualmente temos profissionais na área da saúde que fazem esse papel (fonoaudiólogos), mas nesse sentido a língua de sinais fica prejudicada, pois o objetivo é trabalhar a oralidade, não a língua de sinais.

Pereira (2008) descreve que cada profissional deve esclarecer aos pais os dados do prognóstico, o tratamento, as dificuldades associadas que a criança possui interligada a surdez e a indispensável tarefa de auxiliá-los e conscientizando as possibilidades reais da criança.

### **6.3 A comunicação e a organização dos papéis**

É por meio da comunicação que o ser humano se integra, participa, convive e se socializa. Nesse processo, a família aparece como grande responsável, pois é nela que se inicia a formação social de um ser humano. Para que isso possa acontecer, é necessário o estabelecimento de um canal de linguagem comum.

Diante dessa grande responsabilidade familiar, as mães foram questionadas sobre como ocorreu o desenvolvimento de seus filhos surdos no primeiro ano após o diagnóstico e de que forma eles começaram a se comunicar.

A mãe A foi a única que incentivou a filha a falar, não aceitava que ela não falasse pois o desenvolvimento ocorreu lentamente e com 4 anos começou a estudar e sempre foi incentivada por ela e por toda a família a aprender a falar. Também sempre contou com um intérprete de LIBRAS na sala de aula e apoio do fonoaudiólogo. Como ela mesmo disse: “minha filha sempre foi incentivada através da oralidade”.

Diferente das demais mães que após terem o diagnóstico da surdez procuraram se comunicar com os filhos da maneira que podiam entender e ser entendidas, a mãe B diz que no início sua filha começou a se comunicar com ela através de apontamentos, fazia gestos, somente com quatro anos, idade em que foi para a escola, é que começou a aprender Libras. Do mesmo modo, a Mãe C relata que se comunicava com os filhos através de apontamentos e que como moravam no sítio os filhos não foram para a escola na idade certa, somente com oito anos é que começaram a estudar.

A mãe D declara que havia muita expectativa quanto ao tratamento que o filho vinha fazendo, mas que depois de algum tempo não via melhora nenhuma, nenhuma mudança e que no início também se comunicava apontando para as coisas, fazia gestos, desenhava e por não entender o que seu filho queria, perdia a paciência. “Eu gritava muito com ele”, diz ela.

A mãe E relata que sua filha queria sempre ficar sozinha, que era muito tímida, quando precisava de alguma coisa pedia através de apontamentos. Logo começou a mudar, perder a timidez quando começou a frequentar a escola. De igual modo a mãe F relata que seu filho no início se comunicava através de apontamentos e gestos. Demorou a frequentar uma escola devido aos outros problemas de saúde que ele tinha.

Segundo o relato das mães, a maioria de seus filhos surdos no início se comunicavam através de apontamentos. Strobel (2013, p.52), descreve que “surdos que vivem isolados de comunidades surdas, procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e procuram comunicar-se apontando e criando sinais, pois não tem conhecimento de sons e de palavras”.

Com base nesse dados, a falta de uma comunicação efetiva \_língua de Sinais – LIBRAS\_ pode ocasionar grandes problemas comunicativos na relação familiar. Portanto é de suma importância que a família ouvinte aprenda a Língua de Sinais e compreenda as particularidades pertinentes a Cultura Surda, ao invés de passar anos

na busca da adaptação do sujeito surdo ao mundo ouvinte, utilizando como alternativa de comunicação apenas a apontação.

A seguir serão apresentadas as respostas das participantes, quanto a compreensão que as mesmas atribuem sobre a importância da comunicação através da língua de sinais para que haja entendimento e um bom relacionamento no convívio familiar.

Inicialmente a Mãe A relatou que entre ela e sua filha há um entendimento e um relacionamento satisfatório que, praticamente, a filha entende tudo o que ouve e mesmo com dificuldade fala tudo também. Relata que a filha primeiramente desenvolveu a fala, por ser sempre estimulada a aprender a falar, e somente depois é que começou a aprender a Libras na escola com mais ou menos 11 anos de idade, mas que o principal meio de se comunicarem é a oralidade.

Para a Mãe B ambas viram a língua de sinais pela primeira vez no Instituto Santa Terezinha em São Paulo e juntas aprenderam essa nova língua. A mãe relata que entre ela e sua filha existe a comunicação através da Libras e que o entendimento e o relacionamento entre as duas é muito satisfatório.

Atualmente a Mãe C mãe ainda se comunica com os filhos através de gestos e apontamentos, pois não entende a língua de sinais. Há diversas coisas que ela não consegue compreender e assim a comunicação fica um pouco difícil, mas ressalta que mesmo não conversando com os filhos através dos sinais, compreende o que estes querem, em se tratando das necessidades básicas como, comida, bebida, banho, dentre outros. Os filhos surdos comunicam-se através da Libras.

A Mãe D, Mãe e filho conseguem se relacionar e se entender de modo satisfatório, os dois tem uma boa comunicação. A mãe diz sempre ter incentivado o filho a aprender a Libras e que ela mesma também sempre procurou aprender. Durante um ano ficava o dia todo na escola com o filho. Começaram juntos a aprender a Língua de sinais, primeiramente com um grupo de surdos e depois na escola. Às vezes não precisam nem da Libras para se comunicarem. O filho entende bem a expressão facial e também a leitura labial. Já com o pai é diferente, pois existe muita dificuldade na comunicação, o mesmo não tem muita paciência.

A Mãe E, Mãe e filha conseguem se entender muito bem através da Libras. Seu relacionamento e comunicação é muito satisfatório. A filha consegue fazer leitura labial também. Conheceram a língua de sinais na escola. A mãe sempre foi

incentivada a aprender a Libras, mas por falta de tempo nunca fez um curso. Quando tem alguma dificuldade para entender os sinais que a filha faz, procura na internet.

Para a Mãe F, também nesse caso mãe e filho conseguem ter um relacionamento e um entendimento satisfatório. A mãe diz conversar bastante com o filho. Fez cursos para que ela pudesse aprender a Libras. O filho aprendeu libras na escola e quando não sabe alguma coisa sobre a língua de sinais, ele mesmo pesquisa. Sempre foi incentivado pelas professoras, pois sempre teve interesse próprio.

Após as análises realizadas, vale destacar que a mãe C ao relatar que mesmo não conversando com os filhos através dos sinais (Libras) compreende o que estes desejam, em se tratando das necessidades básicas. Assim consegue estabelecer contatos com os filhos, mas a interação realmente sobre assuntos familiares delicados, ficam comprometidos devido a falta de compreensão de ambas as partes. Deste modo percebe-se que a mãe reconhece que a comunicação utilizada com seus filhos não é suficiente para uma total compreensão. Mesmo assim em nenhum momento percebeu-se interesse em participar de curso de LIBRAS para auxiliar na comunicação, pois a alternativa comunicativa utilizada em seu lar, para ela é considerada suficiente.

A maioria das mães responderam que a LIBRAS é importante na comunicação, algumas participaram de cursos de LIBRAS, mas em diversos momentos durante a entrevista, a oralidade estava presente como alternativa na comunicação. Nota-se que o meio eficaz da família contribuir para o desenvolvimento dessa criança, é através do acesso à cultura surda. Segundo Strobel (2008), cultura surda refere-se ao,

Jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de um povo surdo (STROBEL, 2013. p. 24).

Deste modo, essa interação será possível através da inserção da família e filhos na comunidade surda, através de associações, igrejas, onde os mesmos reconhecerão que, por meio da Língua de sinais, elas conseguirão dialogar de maneira satisfatória com seus filhos, expressar sentimentos e emoções e tratar sobre os mais variados assuntos. O interesse dos pais em busca de condições que os leva a entender a língua de seu filho, faz com que o mesmo sintam-se amado por sua família, aprender a língua de seu filho é valoriza-lo.

Uma outra questão levantada foi: Há familiares que sabem LIBRAS e sempre estão próximas de sua família?

Mãe A: quanto a libras acha ser muito importante, mas em sua família não se esforçaram muito em aprender por sempre incentivarem sua filha a falar e por não ter necessidade porque a mesma é oralizada. Em sua família nenhum dos membros fez cursos de Libras.

Mãe B – Diz ser muito importante que familiares aprendam a Libras para que haja uma boa comunicação, interação e informação. Quase todos em sua casa sabem o básico da língua de sinais. Nunca tiveram problemas quanto a realização de cursos para aprender essa língua, pois o aprendizado ocorreu através da interação entre ambos. Quando a filha entrou para a universidade acompanhou a mesma auxiliando-a, enquanto a faculdade providenciava uma intérprete.

Mãe C – Relatou que acha muito importante aprender a Libras para que haja comunicação na família, mas nunca fez nenhum curso por falta de tempo e também de entendimento. Sempre teve dificuldade em aprender a Língua de sinais, como ela mesmo disse: “não entra na minha cabeça...” “...meu filho fica brabo, diz que tenho que aprender pra poder falar com eles”. Os filhos surdos são os únicos que aprenderam a Libras na família. Aprenderam quando estudaram na APAE e depois na escola.

Mãe D - Como as demais mães, ela também acha muito importante que a família conheça e aprenda a língua de sinais, pois é através dela que se pode ter uma boa comunicação familiar. Diz também que nunca teve dificuldade em aprender a Libras, sempre teve acesso a cursos: “no CENI em Porto Velho eu ficava o dia inteiro na escola, fazia cursos, tinha bastante pais lá, enquanto ele estudava eu fazia o curso”. Seu filho mais velho também aprendeu a Língua de sinais e se comunica muito bem com o irmão. O pai nunca se interessou em aprender. Entre o pai e o filho não há muito entendimento. O pai recorre à mãe quando não entende o que o filho está dizendo.

Mãe E – Também concorda que para haver uma boa comunicação na família é preciso aprender a Língua de sinais, mas que por falta de tempo ainda não fez nenhum curso. O que sabe dessa língua aprendeu com a filha, que por outro lado aprendeu na escola. Se comunica com a filha através de gestos e um pouco de Libras. Na família não há outra pessoa que saiba falar em Língua de sinais. O meio mais usado entre a filha e os demais familiares é através de gestos.

Mãe F – A mãe diz que é muito importante que a família conheça a Língua de sinais para que a comunicação seja satisfatória, mas que em sua casa somente ela teve interesse em aprender. Mesmo sendo separada do pai de seu filho, é muito incentivada por ele a aprender a Libras. Já fez vários cursos e sempre está se atualizando, quer aprender cada vez mais para poder entender e atender todas as necessidades de seu filho.

Diante do exposto, concluímos que o interesse em aprender a Libras na maioria dos casos parte das mães, pois convive mais tempo com o filho, por isso que sente a necessidade em aprender a se comunicar com eles. Os demais familiares basicamente contentam em se comunicar através de gestos, e quando não entendem o que a criança surda está querendo dizer, recorrem à mãe. Observa-se uma comunicação restrita e limitada entre algumas mães e seus filhos surdos. Nos relatos apresentados, há um reconhecimento sobre a importância da LIBRAS, mas ao mesmo tempo, há uma falta de comprometimento para ir em busca do conhecimento. Prova disso é que os filhos aprendem LIBRAS na escola e os familiares não aproveitam as oportunidades que lhes são ofertadas para o aprendizado.

A grande preocupação referente a falta de conhecimento da Libras foi destacado por algumas mães relatando que, por seus filhos não entenderem o que os outros falam, a maior dificuldade encontrada por eles é a discriminação, tanto na escola como em outros lugares. Alguns deixam de participar até mesmo de algumas atividades familiares devido à falta de entendimento entre os mesmos.

Segundo Negrelli e Marcon (2006, p. 105) “as famílias devem o quanto antes e da melhor maneira possível, aprender a língua de sinais, garantindo assim, um ambiente linguístico favorável à comunicação e a interação”. Havendo interesse por parte da família em aprender, entender e usar a língua de sinais, será possível ter um relacionamento agradável entre ambos, pois o objetivo de todos será a melhor comunicação em uma língua já oficializada, a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho podemos observar que as famílias por não estarem preparadas para a perda do filho ideal, sentem-se confusas ao lidar com o filho surdo. Com o aparecimento das dúvidas e com falta de informação, os pais ficam com o que supostamente ouviram na consulta médica com os profissionais na área da saúde. A falta de apoio e informações faz com que em algum momento procurem por ajuda especializada tardiamente.

Ao analisar os dados, foi possível perceber que a maioria dos pais tem conhecimento da existência da LIBRAS apenas quando os filhos são matriculados na escola. Antes disso, procuram do melhor modo possível, através de gestos e apontamentos se comunicar com o filho, porque precisam fazer entender. Diante disso podemos sentir a angústia que os pais sentem em não poder compreender as necessidades de seu filho.

Com base na experiência vivenciada e nos resultados da pesquisa pode-se afirmar que se pais e filhos tivessem um contato e interação o mais cedo possível com os outros surdos e com a Língua de Sinais - LIBRAS, ambos poderiam compreender que suas angústias quanto a um futuro incerto, poderiam ser amenizadas ao verem que os surdos podem ter uma vida normal como qualquer outra pessoa. Percebe-se também que o maior desejo das mães entrevistadas é que seus filhos se formem, trabalhem, que constituam famílias. As palavras da mãe B são significativas quando diz: “que ela seja como os outros surdos que lutaram pra conquistar seus direitos e que ela seja uma ótima profissional”.

Concluimos que a aquisição da LIBRAS pela família do surdo é fundamental para a efetivação do diálogo entre ambos e para facilitar a integração deles na sociedade. Portanto é necessário que a família tenha acesso a essa língua o mais cedo possível, não somente para que a criança aprenda a valorizar a sua língua e a sua cultura, mas para que seja consciente do seu papel como sujeito ativo e que lute pela conquista de seus direitos como cidadão.

## REFERÊNCIAS

ÀRIES, P. **História social da criança e da família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ALBRES, N.A. **Surdos e inclusão educacional**: Rio de Janeiro. Editora Arara Azul, 2010.

AZEVEDO, J. M. **A função paterna nas configurações familiares atuais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

BARBOSA, C. L. C. **Direito de Família**. São Paulo: Suprema Cultura. 2004.

BARBOSA, M. F. L. **A aquisição da língua brasileira de sinais (libras) pela família do surdo 2004** Disponível em <http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/artigosdeficiente/a%20aquisicao%20da%20lingua%20bras%20de%20sinais.pdf>. Acesso em 11 de nov. 2014.

BISOL, C. A. **Construção de uma Identidade Cultural de Surdos em Parceria com Pais Ouvintes**. Revista Espaço, n. 22, Jul./Dez. 2004, p. 20-27.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 out. 1998 (texto consolidado até a emenda n. 44 em 30 jun. 2004). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br.htm>. Acesso em: 13 set. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Decreto n. 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436 de 24 de Abril de 2002. Disponível em: [www.portal.mec.gov/seesp.arquivos/pdf/dec5626.pdf](http://www.portal.mec.gov/seesp.arquivos/pdf/dec5626.pdf).

BRITO, Â. M. W.; DESSEN, M. A. **Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. Psicol. Reflexão. Crítica**. Porto alegre, v.12, n. 2, p.429-44,1999.

BRITO, L. **Por uma gramática da língua de sinais**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais**. Imprensa Oficial. São Paulo: 2008.

FARIA-NASCIMENTO, S.P. **Representações lexicais da língua de sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica.** Tese de doutorado. Brasília: UnB/Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas-LIP, 2009.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto:** Curso Básico: Livro do Professor. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 7ª Edição.

FRANÇA, D. M. V. R.; BAGAROLLO, M. F. **Surdez: a importância do diagnóstico para o desenvolvimento do surdo** – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

GAMA, G. C. N. **Direito de Família Brasileiro:** introdução- abordagem sob a perspectiva civil-constitucional. 1. ed. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2001.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo, Editora Parábola: 2009.

GOLDFELD, M. **Criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva socio-interacionista.** São Paulo: Plexus, 2010.

GONÇALVES, C. R. **Direito civil brasileiro**, volume VI. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.** Versão 1.0, Rio de Janeiro, RJ (Brasil): Editora Objetiva Ltda, dez. 2001. 1 CD-ROM

LABORIT, E. **O vôo da gaivota.** São Paulo: Best Seller, 1994.

LANE, H. **A máscara da benevolência.** A comunidade surda amordaçada / Horizontes Pedagógicos. Tradução Cristina Reis. 1992.

MACHADO, J. L. A. **De Olho na História/** Portal Planeta Educação [www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?](http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?) acesso em: 05 out. 2014.

MALDONADO, J. E. **Casamento e família:** Uma abordagem bíblica e teológica. Tradução Carlos Tadeu Grybowski/Editor Ultimato. Viçosa, Minas Gerais, 2003.

MOURA, I.C.N. **Relações familiares: possibilidades entre pais e filhos num contexto de surdez.** Especialização em Educação Especial. Faculdade Santa Helena, Recife, 2009.

NEGRELLI, M. E. D.; MARCON, S. S. **Família e Criança Surda**. Revista Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v.5, n.1, jan./abr. 2006.  
Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ciencCuidadSaude/article/view/5146>. Acesso em: 8 out. 2015.

NEVES, O. **Do Dicionário de origem das palavras**. 24 de abril de 2008-  
[amaltadomontijo.blogspot.com/.../palavra-familia.html](http://amaltadomontijo.blogspot.com/.../palavra-familia.html). Acesso em: 04 de Maio de 2015.

PANIAGUA, G. **As famílias de crianças com necessidades educativas especiais**. In: César Coll, Álvaro Marchesi e Jesús Palácios. Desenvolvimento psicológico e educação. Trad. Fatima Muranda. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 2004

PEREIRA, R. C. **Surdez: aquisição de Linguagem e Inclusão Social**. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

PERRENOUD, R. **Luz da Idade Média**. A Organização Social. 1997.  
[www.permanencia.org.br/revista/historia/luz1.htm](http://www.permanencia.org.br/revista/historia/luz1.htm). Acesso em: 28 de Maio de 2015

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ROMAGNOLI, R. C. **A família no Brasil através da história**. In: ROMAGNOLI, R. C. Novas formações familiares: uma leitura institucionalista. 1996. Capítulo 2, p. 41 – 89. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte

SACKS, O. **Vendo Vozes**. Uma viagem ao mundo dos surdos/ tradução: Laura Teixeira Motta. 5. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, L.S; BASTOS, T. **Pais ouvintes e filhos surdos: impasses na Comunicação**. 2013. Entrelaçando - Revista Eletrônica de Culturas e Educação Caderno Temático: Educação Especial e Inclusão Nº. 8 p. 25-34, Ano IV (Junho/2013)

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2013.

SZYMANSKI, H. **Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo de mudança.** In: *Serviço Social e sociedade*. Ano XXIII, nº 71; Cortez, 2002.

VILHALVA, S. **Recortes de uma vida: descobrindo o amanhã.** 1. ed. Campo Grande: 2001.

VYGOTSKY S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO****QUESTÕES PARA ANÁLISE: PAIS DE SURDOS****IDENTIFICAÇÃO:**

Idade: Mãe\_\_\_\_\_ filho(a)\_\_\_\_\_

Bairro onde mora:\_\_\_\_\_

Grau de Instrução:

- ( ) Sem escolaridade  
( ) Ensino fundamental incompleto      ( ) Ensino fundamental completo  
( ) Ensino médio incompleto              ( ) Ensino médio completo  
( ) Ensino superior incompleto          ( ) Ensino superior completo

**PARTE 1: DIAGNÓSTICO E RECONHECIMENTO DA SURDEZ****1. Quando foi confirmada a surdez de seu filho?**

---

---

**2. Antes disso você já desconfiava que ele pudesse ser surdo?**

---

---

**3. Qual foi sua reação ante a surdez de seu filho?**

- ( ) Sentimento de culpa      ( ) Normal seguida de adaptação  
( ) Confusão emocional      ( ) Estado de choque      ( ) Revoltada  
( ) Negação

**4. Depois de confirmada a surdez, quais foram as providências tomadas?**

---

---

**PARTE 2: ORGANIZAÇÃO DOS PAPÉIS E COMUNICAÇÃO:****5. Como você percebeu o desenvolvimento do seu filho no primeiro ano?**

---

---

---

**6. De que forma ele começou a comunicar?**

---

---

**7. Entre você e o seu filho, há um entendimento, relacionamento satisfatório?**

---

---

**8. Onde seu filho(a) aprendeu LIBRAS?**

---

**9. Na sua opinião qual é a maior dificuldade sentida por seu filho surdo?**

(    ) Ser discriminado na escola e em outros lugares por ser surdo(a)

(    ) Não participar de todas as atividades da família por ser surdo

(    ) Não há dificuldades    (    ) Não ser ouvinte

(    ) Outras\_\_\_\_\_

**10. Em algum momento foi incentivado a aprender LIBRAS?**

---

---

**11. O que dificulta o seu acesso a um curso de LIBRAS?**

---

---

**12. Como você se comunica com o seu filho(a)?**

(    ) Gestos    (    ) Libras    (    ) Mistura de português oral e sinais

(    ) Mímica    (    ) Linguagem própria    (    ) Outros.\_\_\_\_\_

**13. Porque é importante para os familiares dos surdos aprender a Língua de Sinais?**

---

---

**14. Há familiares ou pessoas que sabem LIBRAS e sempre estão próximos da sua família? Quem?**

---